

'Oficina' 2021-3

Dificuldades aparentes

1. Uma harmonização dos relatos da 'tentação'.

A 'tentação' de Jesus recebe menção em três dos Evangelhos, sendo que a de Marcos é bem curta (1.12-13); ele diz que o Espírito 'impeliu' Jesus para o ermo, ao passo que os outros dois colocam 'conduziu'; outrossim, só ele menciona os animais. Mateus e Lucas fornecem relatos mais detalhados, com algumas discrepâncias, o que nos conduz a esta análise.

Mateus diz, "ermo adentro para ser testado pelo diabo", ao passo que Lucas diz, "ermo adentro, sendo testado durante quarenta dias pelo diabo". Não temos registro do que Satanás fez durante os quarenta dias. O que é registrado, sim, é o que aconteceu no fim. Ambos Mateus e Lucas concordam que Jesus nada comeu durante os 40 dias, que no término Ele estava com fome, e que foi aí que Satanás se apresentou. Ambos registram as mesmas três provas, mas com seqüência diferente, e é essa diferença que pede atenção especial. As descrições das provas não são idênticas, mas podem ser harmonizadas sem dificuldade. Terminando, Mateus diz, "Então o diabo O deixa, e aí chegaram anjos e começaram a servi-lo". (Marcos também menciona os anjos.) Já Lucas diz, "Havendo terminado cada prova, o diabo se afastou dEle até um momento oportuno". As duas declarações se complementam.

Agora vejamos as três provas. Ambos começam com 'pão', mas Mateus diz 'estas pedras', ao passo que Lucas diz 'esta pedra'. Entendo que ambos estão corretos. Satanás começou com 'estas pedras' e então escolheu uma que parecia um pão e disse 'esta pedra'. Ambos têm Jesus respondendo com Deuteronômio 8.3. (Lamentavelmente, em Lucas 4.4, menos que 0,5% dos manuscritos gregos, de qualidade objetivamente inferior, omitem "mas de toda a palavra de Deus", seguidos por NVI, LH, Atual, etc.)

Para a segunda prova, Mateus tem o templo, ao passo que Lucas tem o monte alto, e a terceira é o oposto. Pois então, quem tem a seqüência correta? Lucas introduz ambas dessas provas com a conjunção 'e', como se fossem peças distintas numa fileira. Mateus introduz sua segunda prova com um advérbio temporal de seqüência, 'então'; ele introduz a terceira com outro advérbio, 'de novo', e um de seus sentidos é seqüência. Já que Mateus afirma a seqüência de forma ostensiva, chego à conclusão de que a seqüência dele é a correta – Lucas não se preocupou com a seqüência; ele acrescentou o 'templo' quase como uma reflexão posterior (a conjunção pode ser traduzida 'também'). A seqüência dada por Mateus também é a lógica; há uma progressão na severidade ou importância das provas.

Quanto à prova do templo, a descrição dada por ambos é praticamente idêntica. Mateus diz 'cidade santa' enquanto Lucas diz 'Jerusalém'. Satanás cita Salmo 91.11-

12 e Jesus retruca com Deuteronômio 6.16. Quanto à prova do monte alto, a descrição de Lucas é mais ‘cheia’, mas ambas estão em harmonia. Em Mateus 4.10, talvez 12% dos manuscritos gregos omitem ‘para trás de mim’, seguidos por muitas versões; em Lucas 4.8 ‘para trás de mim, Satanás’ é omitido por talvez 3,5% dos manuscritos gregos, outra vez seguidos por muitas versões.

Para concluir, cada um dos três relatos fornece informação não encontrada nos outros, mas se harmonizam, sendo complementares. A única discrepância evidente, a sequência das provas duas e três, tem uma solução razoável.

2. Betsaida, ou Tiberíades?

A questão em pauta é: qual foi mesmo o lugar onde a multiplicação dos cinco pães aconteceu? Mateus 14.13 e Marcos 6.32 meramente dizem que foi num lugar deserto, sem identificação. Mas Lucas 9.10 diz que foi num “lugar deserto pertencente a uma vila chamada Betsaida”,¹ ao passo que João 6.23 nos informa que o lugar ficava perto da vila Tiberíades. Bem, Tiberíades se localizava no lado oeste do Mar, talvez três quilômetros acima do lugar onde o Rio Jordão sai. Mas Betsaida ficava ao norte do Mar, um pouco para o leste do lugar onde o Rio Jordão entra. E agora?

Podemos deduzir a partir de Marcos 6.31 e João 6.17 e 24 que Jesus e Seus discípulos partiram de Capernaum, onde Jesus tinha Sua base de operações. Acontece que Capernaum, assim como Betsaida, ficava ao norte do Mar, mas um pouco para o oeste do lugar onde o Rio Jordão entra. Para ir de barco entre Capernaum e Betsaida, o barco estaria sempre perto da orla. Mas João 6.1 diz que Jesus “atravessou o Mar da Galileia”, o que combina melhor com Tiberíades, já que existe uma baía grande entre Capernaum e Tiberíades, embora ambos ficavam no lado oeste do Mar – quer dizer, eles atravessaram uns quinze quilômetros de água. Mas, após o ‘banquete’, Mateus 14.22 diz que foram de barco “para o outro lado”, e o verso 24 os coloca “no meio do Mar”; ao passo que Marcos 6.45 diz que foram de barco “para o outro lado, a Betsaida”, e o verso 47 também os coloca “no meio do Mar”; já João 6.17 diz que “começaram a atravessar o Mar em direção a Capernaum”, e o verso 19 diz que “tinham remado entre cinco e sete quilômetros”.

Ora, ficar perto da orla é uma coisa, atravessar o Mar é outra. Além disso, se já estavam perto de Betsaida, ou mesmo lá, como poderiam atravessar o Mar para lá chegar (Mateus 6.45)? Fica claro que o milagre aconteceu de fato perto de Tiberíades, como João afirma. Mas isso levanta outra dificuldade: como poderia uma

¹ Calamitosamente, o texto grego eclético ora em voga, seguindo meramente 0,5% dos manuscritos gregos, de qualidade objetivamente inferior, diz que eles foram “a uma vila chamada Betsaida”. Isto é uma perversidade óbvia, porque dois versos depois o mesmo texto diz que eles estavam num lugar deserto. Dessa forma, os redatores desse texto fazem Lucas se contradizer, ao mesmo tempo contradizendo os outros três Evangelhos, já que todos concordam em que o lugar era deserto. Lamentavelmente, esta perversidade é reproduzida em NVI, LH e Atual, entre outras.

propriedade perto de Tiberíades ‘pertencer’ a Betsaida (Lucas 9.10)? Ou tinha sido transferida por escritura à vila, de alguma forma, ou, o que me parece mais provável, pertencia a uma família radicada em Betsaida. Minha observação se baseia no Texto.

João 6.17 diz que eles “começaram em direção a Capernaum”, ao passo que Marcos 6.45 diz que eles foram “a Betsaida”. Já que as duas vilas se separam por uma distância pequena, no começo da travessia a direção seria praticamente a mesma. Entendo que eles foram de fato a Betsaida, mas ficaram muito pouco tempo ali, prosseguindo diretamente a Genesaré. Aliás, no dia depois do milagre Jesus já estava de volta em Capernaum (João 6.24-25). Mas por que será que eles fizeram aquele desvio a Betsaida (Genesaré fica um pouco para o sul de Capernaum)? Eu imagino o seguinte: uma propriedade perto de Tiberíades, mas pertencendo a alguém em Betsaida, provavelmente seria deserta, um ótimo lugar para um piquenique. Suponho que Jesus tinha autorização para fazer uso do lugar, quando queria fugir da multidão, mas ninguém podia antever uma multidão de talvez 15.000 pessoas (5.000 homens, além de mulheres e crianças). Favor de desculpar a observação desagradável, mas que efeito teria uma tamanha multidão na higiene e na aparência do lugar? Deduzo que Jesus se sentiu na obrigação de dar uma explicação ao dono, em Betsaida.

Já que estamos aqui, permitam-me convidar atenção para outro milagre que Jesus fez, que não se encontra nas listas costumeiras. Como já notamos, Mateus 14.24 e Marcos 6.46 dizem que os discípulos estavam no meio do Mar, mas João 6.19 é mais preciso, dizendo que eles tinham percorrido talvez sete quilômetros. Ora, acontece que uma travessia entre Tiberíades e Betsaida representa em torno de treze quilômetros. Agora, atenção para João 6.21, “Então eles queriam recebe-lo no barco, e imediatamente o barco estava na terra para a qual estavam indo”. Se a distância total foi de treze quilômetros, e só tinham percorrido a metade, então Jesus transportou o barco 6 a 7 quilômetros instantaneamente. Ora vejam, isso não deixa de ser um milagre de tamanho respeitável: transportar um barco seis quilômetros num instante! Provavelmente você não achará este milagre em qualquer lista de milagres por aí, porque poucas pessoas se dão ao trabalho de examinar o Texto Sagrado minuciosamente.

3. O centurião saiu de casa? – Mateus 8.5-13 X Lucas 7.1-10

Tem sido comum supor que esses dois relatos sejam paralelos, mas eu entendo que são ocasiões diferentes. Senão, vejamos. É verdade que ambos tratam de um centurião, em Capernaum, com servo doente, e a declaração do centurião, bem como a reação de Jesus, são bem parecidos. Mas têm outros detalhes que simplesmente não batem. Tudo indica que os romanos tinham uma base militar em Capernaum, com um centurião servindo de comandante, o qual poderia ser trocado. [De passagem, imagine, quem naquela cidade teria as melhores condições para comprar a pesca de Pedro e companhia? E que idioma seria usado nas negociações?]

Comparando a seqüência de acontecimentos em Mateus e Lucas, eu diria que o incidente relatado por Mateus ocorreu primeiro, e alguns meses antes do relatado por Lucas. Naturalmente, um 'incidente' como aquele se tornaria parte do folclore da base militar. Entendo que os centuriões eram diferentes, mas certamente se conheciam; de sorte que o segundo conhecia cada detalhe do primeiro incidente. Quando chegou a vez do segundo, utilizou uma estratégia diferente do que o primeiro (afinal, estava pedindo um segundo favor), mas repetiu a declaração que impressionou Jesus de forma tão positiva. Pois então, o primeiro centurião saiu de casa, mas o segundo não.

4. A menor das sementes? – Marcos 4.31-32, Mateus 13.32

Na versão 'Fiel', Marcos 4.31-32 se lê assim: "É como um grão de mostarda, que, quando se semeia na terra, é a menor de todas as sementes que há na terra; mas, tendo sido semeado, cresce; e faz-se a maior de todas as hortaliças, e cria grandes ramos, de tal maneira que as aves do céu podem aninhar-se debaixo da sua sombra."

A tradução, 'a menor de todas as sementes que há na terra', é lamentável e enganadora. O Texto diz, 'das na terra', repetindo a frase acima, mas sem o verbo. O Senhor não estava fazendo uma declaração botânica de âmbito global, como o verso seguinte deixa claro. Ele estava se referindo a hortaliças que se plantavam em hortas no tempo e na área d'Ele, e de tais plantas a semente de mostarda era a menor. Alguém querer objetar que tabaco e orquídea têm sementes menores seria errar o alvo. Eu traduziria assim: "É semelhante a um grão de mostarda, que quando é semeado no solo é a menor de tais sementes, mas uma vez semeada, cresce e se torna a maior de todas as hortaliças, e cria ramos grandes, de sorte que os pássaros do ar podem descansar debaixo de sua sombra."

O verbo que traduzi como 'descansar' é uma forma composta. O substantivo que fornece a base diz respeito a um abrigo temporário, como uma tenda ou um papiri. A forma verbal significa fazer uso de tal abrigo. Mas aqui a preposição *kata* é prefixada ao verbo, enfatizando o fator temporário, ou assim imagino. O Texto diz que os pássaros podem usar a sombra, não os ramos. Mas a sombra se move, por causa do sol e do vento – como seria possível construir um ninho numa coisa que sempre se move?

Estas observações valem também para Mateus 13.32, exceto que ali os pássaros descansam nos 'ramos', em vez de a sombra. O verbo é o mesmo, e eu o trato da mesma maneira, 'descansar', em vez de 'aninhar-se', embora 'aninhar-se' seja uma tradução possível.

5. Quem disse o que? – Mateus 27.48-49 X Marcos 15.36 X João 19.29-30 (Lucas 23.36)

Entendo que a ação descrita em João 19.29, bem como em Lucas 23.36, foi feita por soldados, e não deve ser confundido com o caso registrado por Mateus e Marcos, embora todos os quatro falem de oferecer vinho azedo a Jesus (sendo que Jesus ficou na cruz durante umas seis horas, houve tempo para beber várias vezes). A discrepância aparente que quero analisar está em Mateus e Marcos. Em Mateus 27.48-49 lemos assim: “Em seguida um deles correu e pegou uma esponja, embebeu-a em vinho azedo, colocou-a numa cana, e começou a dar-lhe de beber. Mas os outros disseram: ‘Pare! Vejamos se Elias vem salva-lo.’ Um só homem oferece a bebida, mas os outros dizem, “Pare! . . .” E em Marcos 15.36 lemos: “Então alguém correu e embebeu uma esponja em vinho azedo, colocou-a numa cana, e a ofereceu a Ele para beber, dizendo, “Parem vocês! . . .” Um só homem oferece a bebida, e ele diz, “Parem vocês! . . .” Não viria me surpreender se o homem aqui foi o próprio João Marcos. Mas quem quer que fosse, se ele conhecia hebraico ele sabia perfeitamente bem que Jesus não chamou Elias; foi por isso que ele disse “Parem vocês!” e repetiu o resto do dizer dos outros de forma sarcástica, com desgosto. Então, Mateus e Marcos registram partes diferentes da totalidade do incidente. Nego qualquer discrepância.

6. ‘Profetas’ em Mateus 2.23.

“E chegando, estabeleceu-se numa cidade chamada Natsaré [Vila Renovo]; para que se cumprisse o que foi falado através dos profetas, que Ele seria chamado Natsoreano [homem-Renovo].”

A dificuldade é que as versões principais (se não todas elas), quer em português, quer em inglês, trazem o nome do lugar escrito com ‘z’, ‘Nazaré’ e ‘Nazareno’ (‘Nazareth’, ‘Nazarene’), e o equivalente de ‘z’ em hebraico é *zayin* – só que escrito dessa forma não há menção no A.T. E agora, Mateus ‘pisou na bola’ ao dizer que “foi falado através dos profetas”? Como ‘profetas’ é plural, devemos achar mais que um. Curiosamente, o problema foi criado pelas diferenças que existem entre os alfabetos – hebraico, grego, inglês, português. Senão, vejamos.

Sabemos por Lucas que José era de Natsaré – sua casa e empresa estariam a sua espera (embora o tempo de sua ausência foi de algum tamanho). O nome da cidade em hebraico é baseado nas consoantes נ צ ר (*resh, tsadde, nun*), mas como o hebraico se lê da direita para a esquerda, para nós a seqüência se inverte = n, ts, r. Esta raiz consonantal significa ‘renovo’. O alfabeto grego tem o equivalente de ‘ps’ e ‘ks’, mas não de ‘ts’, de sorte que a transliteração utilizou um ‘dz’ (*zeta*), que é o equivalente sonoro de ‘ts’. Mas quando o grego foi transliterado para português (e inglês) foi utilizado ‘z’! Mas hebraico tem um ‘z’, ז (*zayin*); daí ao transliterar de volta

ao hebraico, o pessoal presumiu as consoantes נ ז י, trocando o certo *tsadde* por *zayin*. Esta informação técnica fornece pano de fundo para o que segue.

Nem ‘Nazaré’ nem ‘Nazareno’, escrito com *zayin*, se encontra no A.T., mas há uma referência profética ao Messias como Renovo, *netser* – Isaias 11.1 – e várias à palavra sinônima *tsemach* – Isaias 4.2; Jeremias 23.5, 33.15; Zacarias 3.8, 6.12. Assim, Mateus tem razão – os profetas (plural, sendo pelo menos três) referiram-se ao Cristo como o Renovo. Já que Jesus era homem, Ele seria o ‘homem-Renovo’, da ‘Vila Renovo’.

Agora é a vez da palavra ‘Natsoreano’. O conhecido ‘Nazareno’ (Ναζαρηνος) [Natsareno] ocorre em Marcos 1.24, 14.67, 16.6 e Lucas 4.34, mas aqui em Mateus 2.23 e em catorze lugares outros, inclusive Atos 22.8 onde o Jesus glorificado assim se autodenomina, a palavra é ‘Natsoreano’ (Ναζωραιος), que é diferente. (Aliás, em Atos 22.8 o Jesus glorificado se apresentou a Saulo como ‘o Natsoreano’, que um fariseu rigoroso, que nem Saulo, entenderia como uma referência ao Messias, o Renovo de Davi.) Entendo que a Natsaré do tempo de Jesus tinha uns cem anos de idade, tendo sido fundada por uma família Renovo, que a chamou Vila Renovo; estavam bem cientes das profecias a respeito do Renovo e alimentavam a esperança de que o Messias nasceria entre eles – eles se diziam povo-Renovo (Natsoreanos). Já os outros achavam uma piada, chegando ao ponto de desprezá-los, inclusive. “Pode vir alguma coisa boa . . . ?”

Neste caso, a dificuldade é resultado de fonologias diferentes; os sons de hebraico não são os mesmos que os de grego, nem os de português. Como nomes próprios muitas vezes são meramente transliterados, como neste caso, e um tradutor costuma seguir a fonologia do idioma alvo, o que aconteceu aqui foi ‘normal’, sem malícia. Nem teria resultado numa ‘dificuldade’ se Mateus não tivesse citado ‘os profetas’. É a transliteração falsa, indo de volta ao hebraico, quer do grego, quer do português, que cria a dificuldade aparente.

7. Jeremias? – Mateus 27.9-10

Mateus 27.9-10 versa assim: “Então se cumpriu o que tinha sido falado através do profeta Jeremias, a saber: ‘E tomaram as trinta moedas de prata, o valor daquele que foi avaliado, que alguns dos filhos de Israel avaliaram, e as deram pelo campo do oleiro, como o Senhor me determinou”. A dificuldade surge quando procuramos este material no nosso Jeremias canônico. Notas de rodapé nos encaminham a Jeremias 32.6-9, ou 18.1-4, ou 19.1-3, mas chegando lá, esses textos simplesmente não batem. Zacarias 11.12-13 se aproxima, grosso modo, mas não é exato – e obviamente Zacarias não é Jeremias. Parece que existem manuscritos hebraicos que iniciam o rolo dos profetas com Jeremias, e já houve quem argumentasse que Mateus utilizou o nome ‘Jeremias’ para dizer respeito ao conteúdo do rolo inteiro.

Imagino que poderia ser possível, mas acho mais convincente apelar para Daniel 9.2: “No primeiro ano do seu reinado [Dario] eu, Daniel, entendi pelos livros que o número de anos especificado pela palavra do SENHOR através de Jeremias o profeta . . .” Notar que ‘livros’ é plural. Por que deveria alguém imaginar que homens como Jeremias, ou Isaías, escreveram apenas o que está em nosso cânon? (Eu mesmo já escrevi muita coisa que nunca chegou a ser publicado.) Daniel claramente escreveu ‘livros’, presumivelmente se referindo a Jeremias. Concluo que tais escritos extra canônicos ainda eram conhecidos no tempo de Mateus, e que Mateus cita um deles. Temos o exemplo de Judas, que no verso 14 cita uma profecia de Enoque – evidentemente ele tinha acesso a uma cópia no tempo dele, embora hoje não existe cópia conhecida. É verdade também que Mateus colocou “falado”, em vez de ‘escrito’, embora não se possa insistir na diferença.

8. Como foi que Judas morreu? – Mateus 27.5-8 X Atos 1.18-19

Segundo Mateus, “ele foi e se enforcou”, ao passo que em Atos lemos “e precipitando-se, rompeu-se pelo meio e todas as suas entranhas se derramaram”. A partir do contexto, fica claro que isso aconteceu no campo que ele comprou, de forma póstuma. Para enforcar com sucesso, tem que ter altitude suficientemente maior do que o comprimento da corda para que a vítima fique no ar. Mas para precipitar-se, tem que ter precipício; você terá que pular, ou mergulhar, dele. Juntando os dois relatos, podemos entender que existia uma árvore perto da beira do precipício, com um galho esticando além da beira. Judas amarrou uma ponta da corda no galho, e a outra no próprio pescoço, e pulou – ou a corda, ou o galho, quebrou, e a altura foi tal que o impacto foi suficiente para rompê-lo no meio. Mateus escreve que de fato foram os sacerdotes que compraram o campo, utilizando o dinheiro que Judas atirou no templo; com isso, Judas fez a compra de forma póstuma.

9. ‘Cainã’ #2 – Lucas 3.36 X Gênesis 11.12.

“De Serugue, de Ragaú, de Faleque, de Eber, de Salá, 36 de Cainã, de Arfaxade, de Sem, de Noé, de Lameque.”

Existem algumas variações de grafia que juntas são atestadas por quase 1% dos manuscritos gregos; 99% têm Καϊναν. Até onde sabemos, somente dois omitem o nome, P^{75v} e D, mas nenhum texto impresso segue esses dois. De sorte que não existe dúvida razoável de que Lucas de fato escreveu que Selá foi gerado por Cainã, e não por Arfaxade. Este Cainã tem sido largamente usado para justificar tratar as genealogias em Gênesis como sendo ‘acordeões’ – se um nome foi demonstradamente omitido do registro em Gênesis, então ninguém sabe quantos outros também podem ter sido omitidos. Este Cainã é também usado para negar a validade de construir uma cronologia exata baseada nas idades dadas nas genealogias.

Mas aonde encontrou Lucas esta informação? A LXX que conhecemos contém Cainã em Gênesis 11.12, mas difere tanto do Texto massorético que parece ficção. Lebrar que a Septuaginta que conhecemos é baseada nos códices *Vaticanus*, *Sinaíticus* e *Alexandrinus*, produzidos séculos após Lucas. É mais provável que a nossa LXX seja baseada em Lucas do que o contrário. Pois então, aonde Lucas o encontrou? Entendo que Lucas obteve a informação sobre este Cainã a partir de documentos que existiam no tempo dele, e sendo informação correta o Espírito Santo o levou a inclui-la no seu Evangelho. Assim como Judas, que citou Enoque – a profecia de Enoque certamente existiu no tempo de Judas, mas atualmente não dispomos de cópia em hebraico (consta que a comunidade judaica tinha uma no século 13 d.C.); da mesma forma não dispomos de cópia da fonte usada por Lucas.

Esta nota foi inspirada pela discussão do assunto dada pelo Dr. Floyd N. Jones no seu livro, *Chronology of the Old Testament*.² (Este livro chega perto de solucionar todas as discrepâncias numéricas, assim alegadas, no A.T., pelo menos ao meu ver.) Contudo, a explicação que segue originou comigo. Então, vão rever a exata redação de Gênesis 11.12-13. “Viveu Arfaxade trinta e cinco anos e gerou a Selá. E viveu Arfaxade depois que gerou a Selá, quatrocentos e três anos, e gerou filhos e filhas.”

O verbo ‘gerou’ requer que Selá seja descendente sanguíneo de Arfaxade, não adotado. Ele poderia ser um neto, o filho do filho de Arfaxade, ou até um bisneto, exceto que neste caso o intervalo de tempo só tem espaço para uma geração no meio. O sentido claro da fórmula no Texto, ‘W viveu X anos e gerou Y; depois de W gerar Y ele viveu Z anos’, é que W tinha X anos quando Y nasceu; será que não?³ Entendo que o sentido claro do Texto hebraico é que Arfaxade tinha 35 anos quando Selá nasceu, seja qual for a solução que dermos a ‘Cainã’.

Vamos ver se conseguimos imaginar a situação nos anos imediatamente após o Dilúvio. Após o Dilúvio a prioridade máxima era encher a terra. Aliás, a ordem divina foi exatamente essa: “Frutificai e multiplicai-vos” (Gênesis 9.1). Pois então, com quem poderiam os netos de Noé casar? Obviamente com suas primas, as netas de Noé. Haveria urgência para reproduzir – assim, as meninas seriam dadas em casamento assim que alcançassem a puberdade, e os meninos semelhantemente. As mulheres estariam dando à luz com a frequência possível. Certamente, a prioridade máxima seria a de aumentar o número de pessoas, em absoluto.

Arfaxade nasceu dois anos após o Dilúvio, mas a sua mulher poderia ter nascido um pouco antes do que ele. (O Texto Sagrado é claro no sentido de que somente oito almas entraram na arca, mas durante o ano lá dentro algumas das mulheres

² *Chronology of the Old Testament: a Return to the Basics* (Floyd Nolan Jones, the Woodlands, TX: Kings Word Press, 1999, pp. 29-36. (Esta é a décima-quarta edição, revisada e ampliada – a primeira saiu em 1993.)

³ Segue-se que esta fórmula acaba com a jogada ‘acordeão’. Houve precisamente 130 anos entre Adão e Sete, 105 entre Sete e Enos, 90 entre Enos e Cainã #1, e assim por diante.

poderiam ter ficado grávidas.) Assim, seria possível que Arfaxade gerasse Cainã #2 quando tinha 17/18 anos. Assim também, seria possível que Cainã #2 gerasse Selá quando tinha 17/18 anos. Desta maneira seria possível dizer que Arfaxade ‘gerou’ Selá quando tinha 35 anos. Cainã #2 poderia ter morrido cedo, ou poderia ter sido ‘pulado’ em Gênesis porque o intervalo de tempo não condizia com uma ‘geração’, ou ambos. Por outro lado, depois que as coisas voltaram ao normal, em termos culturais, a pressa com que Arfaxade e Cainã #2 procriaram talvez tenha sido avaliada como inapropriada. O expediente de omitir Cainã #2 tornaria o registro mais ‘normal’, enquanto preservando exatidão quanto ao intervalo de anos.

Mas Lucas estaria certo ao escrever que Selá era “de” Cainã, que era “de” Arfaxade. Selá era neto de Arfaxade. Em todo caso, a linha messiânica passou por Selá. Sem o registro de Lucas eu, pelo menos, nunca teria parado para considerar como foi a situação logo após o Dilúvio – a prioridade máxima tinha de ser aumentar o número de seres humanos.

10. Quanto tempo esteve o corpo de Jesus na sepultura?

Muitos livros e artigos já foram escritos sobre esta questão. A dificuldade principal deriva do próprio Jesus ter utilizado frases diferentes para descrever esse prazo. Referindo-se ao intervalo entre Sua morte e Sua ressurreição, Ele mesmo disse: “o terceiro dia”, “após três dias” e “três dias e três noites”. Atentar para todas as passagens relevantes torna claro que as três frases não são candidatas iguais. Senão, vejamos.

A frase ‘três dias e três noites’ ocorre uma só vez, em Mateus 12.40. Jesus cita a experiência de Jonas (Jonas 1.17) e diz que Ele também terá experiência semelhante. Que estamos na presença de uma expressão idiomática hebraica ficará claro a partir do que segue.

A frase ‘após três dias’ ocorre só duas vezes, em Marcos 8.31 e Mateus 27.63. Em Marcos Jesus é citado numa citação indireta, quando Jesus diz aos discípulos o que vai acontecer com Ele. Em Mateus Jesus é citado pelos líderes judaicos quando pedem a Pilatos que o túmulo seja segurado; mas devemos observar que no verso seguinte (64) eles dizem “até o terceiro dia”, o que nos leva a entender que as duas frases são sinônimas.

Quanto à frase ‘o terceiro dia’, há onze casos diretos, mais dois relacionados. O procedimento hermenêutico correto requer que interpretemos os poucos casos nos termos dos muitos, e não o contrário. Em Mateus 16.21, 17.23, 20.19; Marcos 9.31, 10.34;⁴ Lucas 9.22, 18.33, Jesus está declarando aos discípulos o que vai acontecer com Ele. Em Lucas 24.7 o anjo cita Jesus para as mulheres no sepulcro vazio. Em

⁴ Em Marcos 10.34 o texto grego eclético ora em voga traz ‘após três dias’, seguindo meros 0.7% dos manuscritos gregos conhecidos, sendo eles de qualidade objetivamente inferior, comprovadamente (seguidos por NVI, LH e Atual.).

Lucas 24.46 o Jesus ressurreto está falando aos discípulos. Em Atos 10.40 Pedro está pregando a Cornélio. Em 1 Coríntios 15.4 Paulo faz uma declaração. São esses os onze casos diretos. Em Lucas 24.21 Cleopas diz a Jesus, “hoje é o terceiro dia desde que estas coisas aconteceram” – “estas coisas” diz respeito à crucificação, e “hoje” inclui a ressurreição, já que ele cita as mulheres. Em João 2.19 Jesus diz, “destruam este templo, e em três dias eu o levantarei”. São esses os dois casos relacionados, perfazendo treze (o caso em Lucas 13.32 é mais difícil).

Suponho que todas as culturas humanas têm a tendência de pensar que a sua maneira de encarar as coisas é a correta, e que todas as outras são erradas. Mas que devemos fazer quando surge conflito? Quando queremos entender dado acontecimento, é a cultura dentro da qual aconteceu que deve ser respeitada. Judeus e brasileiros tratam o tempo de maneira diferente das culturas ‘ocidentais’ em geral. Aqui no Brasil, após o culto, é comum dizer, “Te vejo de hoje a oito”, ou “Te vejo a oito”, o que significa no próximo domingo. O dia presente é incluído no número. E temos base bíblica; considere João 20.26: “Oito dias depois estavam outra vez os Seus discípulos dentro, e com eles Tomé.” Oito dias depois de que? “Ao cair da tarde daquele primeiro dia da semana, estando os discípulos reunidos a portas trancadas, por medo dos judeus, Jesus entrou, pôs-se no meio deles e disse” (João 20.19). O primeiro dia da semana é domingo; o uso de “aquele” significa que era o domingo da ressurreição.

Com poucas exceções, a Igreja universal sempre entendeu que Jesus ressuscitou num domingo, assim como o Texto claramente indica. Em João 20.26 “oito dias depois” significa o domingo seguinte. Para a mente ‘ocidental’, o uso de ‘depois’ é enganador; ‘depois de oito dias’ nos levaria ao nono dia. Mas estamos na presença de uma expressão idiomática hebraica, onde ‘depois de oito dias’ = ‘o oitavo dia’. Isto transparece claramente a partir de Mateus 27.63-64, onde ‘após três dias’ = ‘até o terceiro dia’. Mas, como já observamos, o dia presente é incluído no número; portanto, ‘após oito dias’ = ‘o oitavo dia’ = sete dias solares consecutivos (com a ressalva que o primeiro dia solar, e o último, podem ser menos que 24 horas).

Agora vejamos Lucas 23.53 a 24.1: “Então desceu-o, envolveu-o num lençol de linho e o colocou num sepulcro cavado na rocha, no qual ninguém ainda tinha sido colocado. 54 Era um dia de Preparação; o Sábado estava para começar. 55 As mulheres que tinham acompanhado Jesus desde a Galileia seguiram também e viram o sepulcro, e que o corpo dEle foi ali colocado. 56 Então elas voltaram e prepararam especiarias e perfumes. E descansaram no Sábado, conforme o mandamento. 1 Aí, no primeiro dia da semana, de manhã bem cedo, elas foram ao sepulcro levando as especiarias que tinham preparado, junto com algumas outras.” Depois de terem observado o sepultamento, elas descansaram durante um dia – ‘sábado’ é singular. Elas levaram suas especiarias ao sepulcro no domingo. Segue-se que Jesus foi sepultado na sexta-feira. O corpo de Jesus esteve no sepulcro durante uma parte da

sexta-feira, o sábado inteiro, e uma parte do domingo – Ele ressuscitou ‘no terceiro dia’.

Marcos 14.1 também vem ao caso. “Faltavam dois dias para a Páscoa e os Pães ázimos.” A partir de uma análise cuidadosa da sequência de acontecimentos durante a última semana, transparece que naquele momento a tarde da terça-feira estava avançada, provavelmente perto das 18:00 horas – acrescentando dois dias nos leva às 18:00 horas na quinta-feira, mas os acontecimentos no cenáculo começaram após as 18:00 naquela quinta, o que para os judeus já era sexta-feira. Destarte, Jesus morreu numa sexta-feira. Entendemos que ‘três dias e três noites’ era uma expressão idiomática que poderia dizer respeito a três dias solares representados por alguma parte dos três, mas em sequência – neste caso: sexta-feira, sábado e domingo.

11. 1 Samuel 13.1 e a preservação do Texto hebraico.

Quando eu era um novo aluno em meu programa ThM, um dos principais participantes na vinha do Texto Majoritário estava no último ano, e nós trabalhamos juntos na cozinha do seminário. Nossas línguas se moviam tão rápido quanto nossas mãos; conversamos muito, principalmente sobre questões teológicas e da crítica textual. Naqueles anos ‘prístinos’, ele cria firmemente na preservação divina dos Testamentos hebraico e grego, ao pé da letra. No devido tempo, vim para o Brasil como missionário, e ele continuou na carreira de professor. A cada ‘licença’ (na época, os períodos de campo eram geralmente de cinco anos) eu entrava em contato com ele e comparava notas. Em uma dessas ocasiões (não me lembro qual), quando o assunto da preservação divina surgiu, ele abriu uma Bíblia em 1 Samuel 13.1 e afirmou que a redação original daquele versículo havia sido irremediavelmente perdida – adeus preservação.

Bem, agora, o que ele fez comigo, outra pessoa fez com ele, e assim noite adentro. Chego a imaginar que este versículo passou a representar uma dificuldade no pensamento de não poucas pessoas que gostariam de acreditar na preservação divina do Texto, mas, . . . Como eu ainda cria na preservação naquela época (e continuo a crer), o gesto dele me fez parar para pensar – poderia ele estar certo? Então, sentei-me e estudei a situação (incluindo uma visita à sinagoga local). Aqui está minha conclusão.

A Fiel traduz 1 Samuel 13.1-2 assim: “Saul reinou um ano; e no segundo ano do seu reinado sobre Israel, Saul escolheu para si três mil *homens* de Israel; e estavam com Saul dois mil em Micmás e na montanha de Betel, e mil estavam com Jônatas em Gibeá de Benjamim; e o resto do povo despediu, cada um para sua casa.” Já na NVI o primeiro versículo é bem diferente: “Saul tinha trinta anos de idade quando começou a reinar, e reinou sobre Israel quarenta e dois anos”. Uma nota de rodapé informa ao leitor que os números não estão no texto hebraico. Um leigo não iniciado

que compare as duas versões poderia facilmente concluir que elas estão traduzindo textos completamente diferentes, mas não é o caso. O texto hebraico é único, sem variantes - o problema está na interpretação.

Uma tradução interlinear, morfema por morfema, do primeiro versículo se parece com isto: "Filho-de-um-ano Saul em-seu-reinar e-dois anos ele-reinou sobre-Israel" (exceto, é claro, que o hebraico é lido da direita para a esquerda). A confusão surge porque isso se tornou uma fórmula usada na declaração sumária sobre o reinado de um rei: um filho de X anos era Y em seu reinar (= quando ele começou a reinar), e ele reinou Z anos. . . A fórmula geralmente ocorre no final da história de um rei, mas às vezes no início. Claro, qualquer tentativa de aplicar a fórmula em 1 Samuel 13.1 é ridícula. Obviamente, Saul não podia ter um ano de idade quando começou a reinar, e da mesma forma, obviamente, ele reinou por mais de dois anos. Infelizmente, a NVI e outros têm insistido em impor a fórmula a este versículo, inventando o "trinta" e o "quarenta" para não ter um absurdo completo. (Isso também tem o infeliz efeito de contradizer Atos 13.21, que afirma que Saul reinou 40 anos, não 42.) Suponho que eles se convenceram de que os números originais desapareceram do Texto, tendo sido irremediavelmente perdidos durante o processo de transmissão.

Mas vamos examinar cuidadosamente o contexto de 13.1. Para começar, sendo Saul o primeiro rei de Israel, tal fórmula ainda não estaria em uso – não tinha havido ocasião de escrever sobre o início e a duração de reinados. Ademais, no contexto, este não é o lugar para uma declaração resumida; não é nem o começo nem o fim da história do reinado de Saul. Em 1 Samuel 10.24, ele foi empossado publicamente como rei – visto que ele foi o primeiro, não havia precedente, nenhum procedimento estabelecido. No capítulo 11, Saul derrota os amonitas e é confirmado no reinado (versículo 15). No capítulo 12, Samuel defende seu ministério e dá uma lição de história. O capítulo 13 retoma a história de Saul e começa dizendo quando ele estabeleceu um exército permanente – no segundo ano de seu reinado.

Convido atenção especial para a declaração final do versículo dois: "O resto do povo ele despediu, cada homem para a sua tenda". Para serem "despedidos", eles tinham que estar lá. Estar onde? Em Gilgal (11.15), onde também ocorreu o discurso de Samuel (capítulo 12), como parte da ocasião. De acordo com 11.9, Saul havia mobilizado 330.000 homens contra os amonitas, e imagino que a maioria deles havia acompanhado Samuel e Saul a Gilgal. Portanto, 13.1-2 é uma continuação do que aconteceu em Gilgal, e o versículo um NÃO PODE ser uma declaração resumida sobre o reinado total de Saul. Dos 330.000 que haviam sido mobilizados contra Amon, Saul escolheu 3.000 para ser um exército permanente e enviou o restante para casa. Talvez a falta de um exército permanente tenha encorajado os amonitas a se divertirem; a notícia de que Israel agora tinha um serviria de impedimento.

Eu entendo que o ponto 13.1 é que Saul tinha um ano inteiro para trás, e portanto esses eventos em Gilgal aconteceram durante seu segundo ano. O hebraico não é o

meu forte, mas eu iria parafrasear nosso versículo mais ou menos assim: “Saul tinha reinado um ano inteiro sobre Israel, e foi durante o segundo ano que escolheu para si três mil homens. . . .”

Rejeito como infundada a alegação de que parte da redação original de 1 Samuel 13.1 foi perdida. A NVI presta um desserviço considerável ao Reino de Deus aqui.

12. Antes, ou depois? – 2 Tessalonicenses 2.2 X 2.7-8

Em Mateus 24.44 o Senhor Jesus disse: "Por isso, estai vós apercebidos também; porque o Filho do Homem há de vir à hora em que não penseis". Parece-me que para que haja o fator 'surpresa' o arrebatamento da Igreja terá de acontecer antes da 'abominação da desolação' (Mateus 24.15). Quando o anticristo tomar seu lugar no Santo dos Santos e se autodeclarar como deus, então haverá precisamente 1.260 dias até o retorno de Cristo à terra. "À hora em que não penseis" presumivelmente exige um arrebatamento 'pré-abominação' — se for 'pré-ira' mas 'pós-abominação', só um tolo pode ser tomado de surpresa, a não ser que o arrebatamento ocorra imediatamente após a 'abominação' (2 Tessalonicenses 2.3-4).

Vamos começar com 2 Tessalonicenses 2.2. Uns 15% dos manuscritos gregos trazem 'dia do Senhor' (como em NVI, LH, Atual, etc.); os 85% que trazem 'dia de Cristo', que inclui a melhor linha de transmissão, certamente estão corretos (como em Fiel e Cont). A diferença entre as leituras tem reflexo escatológico. O 'dia de Cristo' é geralmente associado com o arrebatamento e benção para os santos, ao passo que o 'dia do Senhor' é geralmente associado com juízo pesado sobre o mundo e Israel não-arrepentido; o que inclui o derramar de ira logo antes e depois da segunda vinda de Cristo, quando retorna em glória para estabelecer o Seu Reino Milenar.

A dificuldade aparente aqui é que ao passo que os versos 1, 6 e 7 dizem respeito ao arrebatamento, tudo indica, os versos 3-4 e 8-10 dizem respeito à Grande Tribulação e a Segunda Vinda. Que fazer? Atentar para o Texto. No verso 2, porque estariam os crentes da Tessalônica 'perturbados'? É que alguém estava ensinando que o arrebatamento já tinha acontecido e que eles ficaram para trás — eu também estaria perturbado! Pois então, 'dia de Cristo' é precisamente correto no que diz respeito ao conteúdo dos versos 1 e 2. É o verso 3 que traz problema, pois uma cláusula foi elidida; é por isso que as traduções, para ajudar o leitor, comumente acrescentam uma cláusula, de preferência em letra itálica, para indicar que é um acréscimo, como na Fiel — "*não será assim*". Só que isso colocaria o arrebatamento depois da revelação do homem do pecado e a 'abominação da desolação' — certamente não compatível com certos esquemas escatológicos. Uma 'solução' fácil seria alterar 'Cristo' para 'Senhor' no verso 2, só que isso colocaria o arrebatamento dentro do 'dia do Senhor' — também não compatível. Eu gostaria de propor que dar uns pequenos retoques a nossa posição escatológica é preferível a mexer no Texto.

Se 'o que detém' nos versos 6-8 é o Espírito Santo (o que me parece ser a única identificação adequada) então o arrebatamento acontece antes da 'abominação', e pode até ser visto como 'gatilho'. Mas, se o 'dia de Cristo' inclui o arrebatamento, então verso 3 pareceria colocar o arrebatamento depois da 'abominação'. E agora, como fica? Embora minha própria formação tenha sido fortemente 'pré-tribulacionista', já migrei para uma posição 'meso-tribulacionista'. Se o arrebatamento seguir imediatamente à 'abominação', então o fator 'surpresa' permanece em pé. Se a 'abominação' e o arrebatamento acontecerem, ambos, dentro de poucos minutos, então do ponto de vista de Deus formariam um só 'pacote', e a exata seqüência deixa de ser importante — para todo efeito prático acontecem ao mesmo tempo.

13. 'Bordão', ou 'cama'? Hebreus 11.21 X Gênesis 47.31

Na Fiel, Hebreus 11.21 versa assim: “Pela fé Jacó, próximo da morte, abençoou cada um dos filhos de José, e adorou *encostado* à ponta do seu bordão.” Tem sido alegado que esta declaração discorda de Gênesis 47.31, que tem Jacó encostado na cabeceira da cama (seguindo o Texto Massorético), em vez do topo de seu bordão. No entanto, atenção cuidadosa aos contextos indica que Hebreus 11.21 e Gênesis 47.31 referem-se a ocasiões diferentes; portanto, não há necessidade de imaginar uma discrepância. Dito isso, pode ser interessante observar o seguinte. As palavras hebraicas para 'cama' e 'bordão' são soletradas com as mesmas três consoantes, a diferença estando nas vogais, que não foram escritas. Assim, o Texto original em hebraico era ambíguo aqui. Quando os massoretas adicionaram a pontuação vocálica ao texto hebraico, muitos séculos depois de Cristo, eles escolheram 'cama'. Muito antes, a Septuaginta havia escolhido 'bordão'.

14. “Este é” ou “Tu és”? – Mateus 3.17 X Marcos 1.11, Lucas 3.22

Todas as versões traduzem corretamente o Texto grego nesses três versos, quanto ao dizer da **Voz**. Mateus 3.17 diz, “Este é o meu Filho amado”, ao passo que Marcos 1.11 e Lucas 3.22 concordam em dizer, “Tu és o meu Filho amado”. E agora, o que foi que a **Voz** disse? Entendo que o quadro aqui é semelhante ao quadro no dia de Pentecostes – havia mais línguas a serem faladas do que apóstolos, e com a ‘salada’ de sons, teria sido difícil alguém extrair nitidamente o seu próprio dialeto – creio que cada ouvinte recebeu uma interpretação individual no ouvido. Então, Mateus registra o dizer da Voz da perspectiva de João: ele ouviu, “Este é”. Marcos e Lucas registram o dizer da Voz da perspectiva de Jesus: Ele ouviu, “Tu és”. Entendo que foi exatamente assim; Jesus ouviu uma coisa e João ouviu outra.

15. Quatrocentos anos – Atos 7.6

Quase todo o capítulo 7 é ocupado com o julgamento e a defesa de Stephen, embora termine com sua morte. O sumo sacerdote sabia que tudo era uma farsa, mas fingiu

espanto. Stephen sabia que estava em um tribunal embusteiro, e portanto não perdeu tempo com a acusação ridícula; ele proferiu um sermão profético e condenatório. Sua lição de história começa com a obediência incompleta de Abraão, mas o que nos preocupa aqui é o versículo 6.

7: 1 Então o sumo sacerdote disse, “Será que essas coisas podem ser assim?”
2 Aí ele disse: “Varões, irmãos e pais, ouçam: O Deus da glória apareceu ao nosso pai, Abraão, estando ele na Mesopotâmia, antes de morar em Harã, 3 e disse-lhe, “Deixa a tua terra e a tua parentela e vem para uma terra que eu vou te mostrar’. 4 Então, saindo da terra dos caldeus, ele residiu em Harã.⁵ Dali, depois da morte de seu pai,⁶ Deus o transferiu para esta terra, na qual vocês agora vivem; 5 mas não lhe deu nela herança, nem mesmo o espaço de um pé. Ele prometeu, sim, que lhe daria a posse dela, isto é, a seus descendentes depois dele, embora não tivesse filho.⁷ 6 Depois, Deus falou assim: que seus descendentes seriam peregrinos numa terra estrangeira – e que seriam escravizados e maltratados – por quatrocentos anos.

Para começar, será observado que minha tradução do versículo 6 difere de todas as versões que me lembro de ter visto. Por exemplo, a Fiel tem: “Mas falou Deus assim: Que a sua descendência seria peregrina em terra alheia, e a sujeitariam à escravidão, e a maltratariam por quatrocentos anos.” Já a NVI tem: “Deus lhe falou desta forma: ‘Seus descendentes serão peregrinos numa terra estrangeira, e serão escravizados e maltratados por quatrocentos anos’.” E assim por diante – a impressão que todas essas versões dão é que os descendentes passariam 400 anos em um único país, ou seja, o Egito. Mas tal impressão nos deixa com um dilema: 400 anos no Egito não se encaixa nas declarações cronológicas claras encontradas em outras partes do Texto bíblico.

Estevão cita Gênesis 15.13, que deve ser entendido como um quiasma, uma estrutura frequente na Bíblia:

- a. sua descendência seria alienígena em uma terra estrangeira
- b. e eles seriam escravos
- b. e oprimido
- a. quatrocentos anos.

Uma comparação cuidadosa dos textos relevantes mostra que os 400 anos incluem desde o desmame de Isaac até o Êxodo (1891 a 1491 a.C.). Sendo que Jacó se mudou

⁵ Sim, mas levou também seu pai, e seu sobrinho, e Harã não era a terra prometida. ‘O nosso pai, Abraão’ – os judeus começaram a sua história com Abraão, que começou com obediência incompleta.

⁶ Lá se foram quinze anos de sua vida. E levou consigo o sobrinho Ló, o que seria uma **grande** dor de cabeça (ele foi o pai dos moabitas e dos amonitas – má notícia – debaixo de circunstâncias que não teriam acontecido se ele tivesse ficado em Harã).

⁷ Abraão tinha 100 anos quando gerou Isaque, que tinha 60 quando gerou Jacó e Esaú. Abraão morreu com 175, de sorte que viu seus dois netos. Mas antes de Isaque houve Ismael . . .

para o Egito em 1706, os descendentes de Abraão foram estrangeiros em Canaã por 185 anos; então eles foram estrangeiros no Egito, onde foram escravizados, por 215 anos. (O Êxodo foi 144 anos após a morte de José, de sorte que o período de trabalho escravo foi presumivelmente um pouco menor, talvez cerca de 100 anos.)

Para uma discussão detalhada e defesa das datas e prazos dados acima, o leitor interessado deve consultar um livro que considero único: *Chronology of the Old Testament: A Return to the Basics*, de Floyd Nolan Jones, ThD , PhD. A primeira edição apareceu em 1993; Tenho em mãos a 14ª edição, publicada em 1999 pela KingsWord Press, The Woodlands, Texas. A discussão relevante está nas páginas 58-61, mas atrevo-me a sugerir que quem ler o livro inteiro considerará que foi um tempo bem gasto.

Os 430 anos em Gálatas 3.17 não representam problema: “Ademais, afirmo isto: uma aliança previamente confirmada por Deus em Cristo não pode ser anulada pela lei que veio quatrocentos e trinta anos depois, de modo a tornar a promessa sem efeito.” Abraão partiu de Harã em 1921 a.C. quando tinha 75 anos de idade. O Êxodo ocorreu em 1491 a.C. $1921 - 1491 = 430$.

16. Ouviram, ou não, a voz? Atos 9.7 X Atos 22.9

Na Fiel, Atos 9.7 versa assim: “E os homens, que iam com ele, pararam espantados, ouvindo a voz, mas não vendo ninguém”. E Atos 22.9 versa assim: “E os que estavam comigo viram, em verdade, a luz, e se atemorizaram muito, mas não ouviram a voz daquele que falava comigo”. Comparando os dois relatos, parece que há uma discrepância: eles ouviram a voz, ou não? Comparando os versos no texto grego, descobrimos que o verbo, 'ouvir', e o substantivo, 'voz', são os mesmos em ambos os versos. Olhando mais de perto, no entanto, notamos que em 9.7 o substantivo está no caso Genitivo, enquanto em 22.9 está no Acusativo. Temos aqui uma sutileza da gramática grega: no Genitivo, "voz" se refere ao som, enquanto no Acusativo ele se refere ao significado, às palavras. Os companheiros de Saulo ouviram a Voz, mas não foram permitidos entender as palavras – apenas Saulo entendeu as palavras. Algo semelhante aconteceu em João 12.28-29; o povo ouviu o som (suficientemente impressionante que o chamaram de trovão), mas só Jesus entendeu as palavras.